

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

RAFAEL AUGUSTO CUNHA

**O USO DE ESPAÇOS EXTERNOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PARA ALÉM DOS ESPAÇOS TÍPICOS DA ESCOLA**

FLORIANÓPOLIS
2016

RAFAEL AUGUSTO CUNHA

**O USO DE ESPAÇOS EXTERNOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA
ALÉM DOS ESPAÇOS TÍPICOS DA ESCOLA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro de Desportos (CDS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Educação Física

Orientador: Prof. Dr. Francisco Emilio de Medeiros.

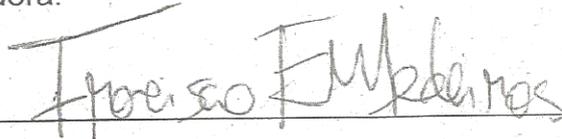
FLORIANÓPOLIS
2016

RAFAEL AUGUSTO CUNHA

**O USO DE ESPAÇOS EXTERNOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA
ALÉM DOS ESPAÇOS TÍPICOS DA ESCOLA**

Monografia para aprovação como requisito final à obtenção do título de Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina – CDS/UFSC.

Banca Examinadora:



Orientador: Prof. Dr. Francisco Emilio de Medeiros.
DEF/ CDS/ UFSC.

Examinador: Prof. Dr. Rogério Santos Pereira
DEF/ CDS/ UFSC.

Examinador: Prof. Dr. Victor Julierme Santos da Conceição
CA/CED/UFSC.

Suplente: Prof. Dr. Edgard Matiello Júnior
DEF/ CDS/ UFSC.

FLORIANÓPOLIS, 2016

Dedico este trabalho a meus familiares, onde sempre estiveram ao meu lado, me incentivando e motivando na concretização deste sonho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que esteve presente tanto nos ótimos e nos mais difíceis momentos.

Agradeço a minha família, que me deu suporte em todos os momentos da minha formação. Em especial a minha mãe, que passou por problemas de saúde e mesmo assim me apoiou durante todo esse tempo.

Agradeço ao professor e orientador Francisco Emílio Medeiros por ter me apoiado na construção deste projeto, e conhecimentos compartilhados ao tempo que se dedicou para que essa pesquisa saísse do papel. Ademais, por suas contribuições e conselhos para o desfecho deste trabalho.

Aos professores participantes do estudo por aceitarem o convite e proporem a compartilhar suas vivências e conhecimentos.

A professora Ana Flávia Backs, por me incentivar e auxiliar na construção deste projeto. Agradeço seus conselhos e disposição para que esse trabalho se concretizasse.

Agradeço também a Camila Kraus pelo auxílio emocional durante todo esse projeto e graduação.

A todos aqueles que de alguma forma participaram de sua realização.

RESUMO

Esta pesquisa tem a intenção de problematizar as possibilidades de usos de espaços externos nas aulas de Educação Física, para além dos espaços típicos dessas aulas na escola. O interesse em pesquisar tal tema decorre das observações realizadas durante as experiências ocorridas nas disciplinas de Estágio Supervisionado em Educação Física I e II, no curso de Licenciatura em Educação Física, da Universidade Federal de Santa Catarina, realizadas, respectivamente, no primeiro e segundo semestres do ano letivo de 2015. Tal interesse também tem origem nas lembranças das vivências escolares como aluno da escola básica, em que, raramente, os professores de Educação Física faziam uso de outros espaços para a realização das aulas que não fosse a quadra esportiva do interior da escola. Assim, as questões de partida da investigação foram delineadas nos seguintes termos: que motivos mobilizam professores/as de Educação Física para realizar as aulas em espaços externos à escola da Rede Municipal de Ensino Público de Florianópolis? Como se caracterizam os espaços externos que são utilizados? Quais diferenças e relações há entre usar os espaços tradicionais das aulas de Educação Física na escola e usar os espaços externos à escola para estas aulas? Essas questões emergiram os seguintes objetivos da investigação: GERAL - analisar os usos dos espaços externos à escola nas aulas de Educação Física a partir do entendimento de professores/as dessa disciplina escolar; e ESPECÍFICOS - buscar quais os motivos para a utilização e não utilização dos espaços externos à escola nas aulas de Educação Física; descrever como os professores de Educação Física utilizam os espaços externos em suas aulas; caracterizar, descritivamente, os espaços externos às escolas utilizados nas aulas de Educação Física discriminados pelos professores/as; e sistematizar e analisar as convergências e divergências entre as diferentes possibilidades encontradas de utilização dos espaços externos às escolas nas aulas de Educação Física. O percurso metodológico foi balizado pelas seguintes orientações: tratou-se de uma pesquisa exploratória-descritiva, de natureza qualitativa, que teve a entrevista semiestruturada como instrumento de coleta dos dados; o tratamento dos dados pautou-se por uma combinação da análise temática com a análise hermenêutica-dialética. Chegou-se aos seguintes achados: que existem limites dos espaços de Educação Física na escola, que há um interesse por espaços externos mais próximos da natureza e que existem diferenças e relações entre os usos de espaços internos e externos à escola nas aulas de Educação Física.

PALVARAS-CHAVE: Espaço físico. Educação Física escolar. Espaços externos.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1- Características dos entrevistados.....	17
--	----

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1- Escola no município de Santo Amaro da Imperatriz.....	12
FIGURA 2- Crianças brincando com saltos na praia.....	30
FIGURA 3- Crianças brincando num balanço impulsionado por elas.....	34
FIGURA 4 - Crianças brincando de bandeira-salva num espaço de grama e areia.....	37

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1 SITUAÇÕES PROBLEMATIZADORAS DO TEMA	11
1.2 OBJETIVOS	14
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	15
2.1 CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA	15
2.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO	16
2.3 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	17
2.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS	18
3. APONTAMENTOS SOBRE OS ESPAÇOS DE REALIZAÇÃO DAS AULAS DE EDUCAÇÃO DE FÍSICA NA ESCOLA	20
4. DAS ENTREVISTAS: O DIZEM SOBRE OS ESPAÇOS EXTERNOS?	27
4.1 LIMITES DOS ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA	28
4.2 O INTERESSE POR ESPAÇOS EXTERNOS MAIS PRÓXIMOS DA NATUREZA	32
4.3 DIFERENÇAS E RELAÇÕES ENTRE OS USOS DE ESPAÇOS INTERNOS E EXTERNOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	35
5. CONCLUSÃO	39
REFERÊNCIAS	40
APÊNDICES	43
APÊNDICE A- ROTEIRO DA ENTREVISTA	44
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	47
APÊNDICE C- QUADROS DAS ENTREVISTAS	48

1. INTRODUÇÃO

1.1 SITUAÇÕES PROBLEMATIZADORAS DO TEMA

Esta pesquisa teve a intenção de problematizar as possibilidades de usos de espaços externos nas aulas de Educação Física, para além dos espaços típicos dessas aulas na escola.

O interesse em pesquisar tal tema decorreu das observações realizadas durante as experiências ocorridas nas disciplinas de Estágio Supervisionado em Educação Física I e II, no curso de Licenciatura em Educação Física, da Universidade Federal de Santa Catarina, realizadas, respectivamente, no primeiro e segundo semestres do ano letivo de 2015. Tal interesse também tem origem nas lembranças das vivências escolares como aluno da escola básica, em que, raramente, os professores de Educação Física faziam uso de outros espaços externos à escola para a realização das aulas que não fosse a quadra esportiva do interior da escola.

Fui estudante do ensino fundamental e médio em escolas no município de Santo Amaro da Imperatriz (SC), localizado numa área ao "pé" dos morros que integram a reserva ambiental do Parque Serra do Tabuleiro. Trata-se de um lugar ainda pacato, com fortes características rurais, com muitos espaços de área verde, rios, cachoeiras e trilhas. Quando comecei a frequentar a escola básica, o meu grande interesse era poder realizar as aulas de Educação Física, pois sempre praticava esportes, brincava muito nas ruas, porém ao longo do tempo vi que nestas aulas não existia mudanças consideráveis, pois eram sempre os mesmos esportes a predominar nessas aulas, com os meninos jogando futebol e as meninas voleibol.

As lembranças dessa época em relação às aulas de Educação Física me remetem ao uso da quadra esportiva como lugar exclusivo e único dessas aulas. Os professores dificilmente ocupavam outros espaços, como a sala de aula ou lugares externos à escola. Algumas vezes, recordo-me que em combinação com outros amigos de turma na escola, chegávamos a sugerir e reivindicar aos professores/as de Educação Física que a aula poderia acontecer em um campo de futebol todo gramado, "verdinho da silva", ou em

um campo de futebol de piso de areia que ficavam ao lado da escola, entretanto, para nossa frustração jamais pudemos vivenciar aula nestes locais, praticamente, espaços vizinhos da escola. Nossa frustração se transformava em euforia e alegria coletiva quando, fora do horário escolar, no contra turno, podíamos voltar a esses espaços e nos entregarmos às brincadeiras e partidas de futebol sem fim, sem tempo para terminar. Na imagem aérea, a seguir, estão indicadas as duas áreas mencionadas, o grande campo de futebol gramado e o campo de futebol de areia. Também está indicada a localização e a configuração espacial da minha escola de educação básica.

FIGURA 1- Escola no município de Santo Amaro da Imperatriz



FONTE: Google Maps (2016)

Tempos depois, como estudante de nível superior, já como aluno no curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e, mais precisamente, na disciplina de Estágio Supervisionado em Educação Física I, realizei atividades específicas de aprendizagem da docência numa creche do bairro Saco dos Limões. E, nesta escola-campo de estágio, pude notar que as crianças tinham poucas

oportunidades de conhecer todos os locais da creche, e tampouco, outros ambientes fora da instituição.

Esta percepção foi aguçada durante o desenvolvimento das atividades de ensino na escola-campo do Estágio I, pois foi possível constatar e experimentar certa insatisfação de minha parte quanto à impossibilidade de utilização de espaços externos aos ambientes escolares.

Já nas observações do Estágio Supervisionado em Educação Física II, realizadas em uma instituição diferente, as professoras utilizavam os espaços internos de várias maneiras, explorando quase todos os locais da instituição, como parques, campo, biblioteca e refeitório, e também ambientes fora da creche, com as crianças conhecendo a comunidade e seus entornos. Visando a possibilidade de visitar membros da comunidade, vendo sua fonte de renda, conhecendo suas casas e ruas da região, criando um grande vínculo com as pessoas e o local. Desse modo foi possível visualizar e vivenciar iniciativas de utilização de espaços externos à escola.

Nesta pesquisa os espaços externos são entendidos como aqueles locais que podem ser utilizados pelas aulas de Educação Física e que estão para além do espaço escolar, localizados nos arredores das escolas, tais como: praças, parques, academias ao ar livre¹, campos gramados, terrenos baldios, áreas de areia das praias, dentre outros.

O estudo de Costa (2015), sobre o espaço em escolas públicas municipais de Florianópolis e sua implicação nas escolhas curriculares de professores de Educação Física, apresenta um panorama dos espaços físicos que podem ser utilizados nas aulas de Educação Física e faz referência à utilização dos espaços externos com base em entrevistas realizadas com professores de Educação Física.

Nas narrativas dos professores entrevistados por Costa (2015) percebe-se uma acentuada preocupação e tensão em relação aos espaços para realização das aulas de Educação Física, no sentido de prevenir e evitar riscos de acidentes para as crianças e responsabilidade para si próprios. Tal situação tem limitado o raio de atuação do professor ao terreno da própria escola.

¹ As Academias ao Ar Livre são compostas por equipamentos voltados apenas para exercícios de musculação e alongamento. Normalmente, são instaladas pelas prefeituras das cidades com a intenção de oferecer à população uma opção acessível e gratuita de atividade física.

O estudo de Costa (2015) constitui uma primeira referência para a presente pesquisa, pois também assinala a temática do uso dos espaços externos nas aulas de Educação Física na Rede Municipal de Ensino Público de Florianópolis.

Assim, frente a esses primeiros aspectos identificadores da temática, assinalo que a sua relevância da pesquisa está relacionada às possibilidades de se pensar aproximações e a inclusão de elementos que integram a cultura das localidades em que as escolas se inserem, dentre os quais, especialmente, seus espaços livres destinados para o lazer e às práticas corporais.

Nesse sentido, as questões de partida deste estudo foram assim delineadas:

- que motivos mobilizam professores/as de Educação Física para realizar as aulas em espaços externos à escola?
- como se caracterizam os espaços externos que são utilizados?
- quais diferenças e relações há entre usar os espaços tradicionais das aulas de Educação Física na escola e usar os espaços externos à escola para estas aulas?

1.2 OBJETIVOS

GERAL

Compreender os aspectos didáticos metodológicos para a utilização dos espaços externos à escola nas aulas de Educação Física a partir do entendimento de professores/as dessa disciplina escolar.

ESPECÍFICOS

Buscar junto a professores de Educação Física os motivos para a utilização e a não utilização dos espaços externos à escola nas aulas de Educação Física; descrever como os professores de Educação Física utilizam os espaços externos em suas aulas; caracterizar, descritivamente, os espaços externos às escolas utilizados nas aulas de Educação Física discriminados pelos professores/as; sistematizar e analisar as convergências e divergências

entre as diferentes possibilidades encontradas de utilização dos espaços externos às escolas nas aulas de Educação Física.

A relevância do presente estudo para a área da Educação Física está em observar e apontar outras possibilidades de usos de espaços externos à escola para as aulas de Educação Física para além das possibilidades tradicionais, restritas aos determinismos implicados na quadra escolar poliesportiva.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA

Trata-se de uma pesquisa exploratória-descritiva, de natureza qualitativa. Segundo Gil (2008), tal tipo de pesquisa tem como principal objetivo:

Desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. De todos os tipos de pesquisa, estas são as que apresentam menor rigidez no planejamento. Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso. Procedimentos de amostragem e técnicas quantitativas de coleta de dados não são costumeiramente aplicados nestas pesquisas (GIL, 2008, p. 27),

Ainda com base em Gil (2008, p. 27), “este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis”.

2.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO

O estudo foi realizado com professores de Educação Física que trabalham ou já trabalharam na Rede Municipal de Ensino Público de Florianópolis. A escolha por esta rede de ensino se deu em função de sua aproximação com a Universidade Federal de Santa Catarina, mais especificamente, por conceder algumas de suas unidades escolares como escolas-campo de estágio supervisionado para o curso de licenciatura em Educação Física.

O critério básico utilizado para seleção dos participantes da pesquisa foi demarcado pelos seguintes aspectos: ser ou ter sido professor de Educação Física que leciona ou lecionou na educação infantil e no ensino fundamental da Rede Municipal de Ensino Público de Florianópolis; ter ministrado aulas em espaços externos à escola e ter motivação e disponibilidade para participação voluntária na pesquisa. Estes professores participantes foram escolhidos de maneira intencional pelo pesquisador, nos seguintes termos: por indicações de professores das escolas-campo de estágio supervisionado e por professores do curso de licenciatura em Educação Física. O Quadro 1, a seguir, apresenta as principais características e informações pertinentes aos três professores participantes da pesquisa.

Quadro 1 - Características dos entrevistados

Entrevistado 1	Entrevistado 2	Entrevistado 3
----------------	----------------	----------------

Entrevistado 1	Entrevistado 2	Entrevistado 3
57 anos	33 anos	50 anos
Atua no magistério há 26 anos	Atua no magistério há três anos	Atua no magistério há 26 anos
21 anos na Rede Municipal de Ensino Público de Florianópolis	Três anos na Rede Municipal de Ensino Público de Florianópolis	26 anos na Rede Municipal de Ensino Público de Florianópolis
Possui formação em nível de doutorado	Possui formação em nível de mestrado	Possui formação em nível de mestrado
Entrevista realizada em 15 e 21 de setembro de 2016	Entrevista realizada em 30 de setembro de 2016.	Entrevista realizada em 05 de outubro de 2016.
Transcrição da entrevista em 03 de outubro de 2016.	Transcrição da entrevista em 12 de outubro de 2016.	Transcrição da entrevista em 17 de outubro de 2016.

Fonte: Elaborado pelo Autor (2016).

2.3 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para a coleta de dados juntos aos professores envolvidos na pesquisa optou-se pela adoção da entrevista semiestruturada, pois tem como característica principal uma relação fixa de perguntas, cuja ordem e redação permanecem invariáveis para todos os entrevistados. É considerada por Gil (2008) uma das técnicas de coleta de dados mais adequada para o desenvolvimento de levantamentos sociais.

O roteiro da entrevista foi elaborado com base nas questões investigativas, sendo organizado em cinco momentos. O primeiro procurou caracterizar o entrevistado, já o segundo buscou compreender os espaços externos à escola para as aulas Educação Física. O terceiro momento procurou entender os motivos e interesses dos professores para usar esses espaços externos nas aulas de Educação Física. O momento seguinte do roteiro procura desvelar quais as relações das crianças/estudantes com estes espaços externos. O último momento focou nas possíveis contribuições dos usos de espaços externos para a legitimidade da Educação Física na escola. Para mais detalhes do roteiro de entrevista ver o Apêndice A.

Para realização das entrevistas procedeu-se contatos com os professores indicados para agendamento de um encontro com cada um deles, em que foram apresentados breves detalhes da temática de pesquisa e reiterado o convite de participação no estudo. Na sequência de cada encontro, após a confirmação do aceite do indicado, foi apresentado o termo de consentimento livre e esclarecido, que comprova a participação e autorização de cada entrevistado para o uso dos dados que forem obtidos, além de garantir o sigilo das identidades todos eles (ver detalhes do termo no Apêndice B). Em seguida, tendo por referência o roteiro de questões, a entrevista foi realizada no local previamente combinado. Para registrar os dados recolhidos nas entrevistas foram utilizados dois gravadores e um caderno de campo. Os dados obtidos foram transcritos de forma manual para um computador para posterior análise.

2.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados foi orientada pelos seguintes elementos metodológicos: numa combinação que utilizou aspectos da análise temática (modalidade de análise de conteúdo) e da análise hermenêutica-dialética, ambas tratadas por Minayo (2008). Em relação à análise temática, Minayo (2008, p. 316) diz que “uma análise temática consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação, cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objeto analítico visado.” Em termos operacionais, a análise temática é realizada em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos/interpretação. Não se fez uso dessa terceira etapa, pois remete o tratamento das categorias com base em operações estatísticas que, em princípio, não foi necessário. Desse modo, a saída para substituir essa terceira etapa foi realizar uma combinação das duas primeiras etapas da análise temática (pré-análise e exploração do material) com a análise hermenêutica-dialética, como elementos metodológicos capazes de efetivar a análise dos dados extraídos do campo de pesquisa. Na pré-análise, o pesquisador retoma a questão investigativa e os objetivos para

dirigir o primeiro “contato direto e intenso com o material do campo, deixando-se impregnar pelo seu conteúdo.” (MINAYO, 2008, p. 316).

Em seguida, realiza uma “constituição do corpus”, expressão usada pela autora e que serve ao investigador para verificar se o material extraído do campo contempla os seguintes critérios qualitativos: exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência. O último passo da pré-análise, que a autora denomina de “formulação e reformulação de hipóteses e objetivos”, consiste na retomada exploratória do material proveniente do campo, fazendo emergir sua riqueza e com vistas a confirmar as indagações iniciais do problema de pesquisa ou até reformulá-las. Enfim, a fase de pré-análise, primeira etapa da análise temática, culmina com a determinação da unidade de registro (palavra chave ou frase), da unidade de contexto (a delimitação do contexto de compreensão da unidade de registro), os recortes, a forma de categorização, a modalidade de codificação e os conceitos teóricos mais gerais (tratados no início ou levantados nesta etapa, por causa de ampliação do quadro de hipóteses ou pressupostos) que orientarão a análise (MINAYO, 2008, p. 317).

A fase de exploração do material, segunda etapa da análise temática, consiste numa “operação classificatória que visa a alcançar o núcleo de compreensão do texto. Para isso, o investigador busca encontrar categorias que são expressões ou palavras significativas” (Minayo, 2008, p. 317). A categorização é realizada com base em um trabalho exaustivo do pesquisador, que busca reduzir o texto em palavras e frases de significado.

Minayo (2004, p. 218) concebe a análise hermenêutica-dialética como um “caminho de pensamento”. A autora propõe algumas balizas para o tratamento dos dados a partir da hermenêutica: (a) o pesquisador tem que ter claro o contexto de seus documentos a serem analisados, pois o discurso implica num saber compartilhado; (b) o pesquisador, como intérprete, deve ter seriedade, racionalidade e responsabilidade diante do texto dos documentos; (c) o pesquisador só entende o conteúdo significativo de um texto de documento quando tiver condições de trazer à tona as razões de elaboração do autor do texto; (d) assim como o pesquisador busca compreender o texto, ele também julga e toma partido em relação a ele. Enfim, a hermenêutica busca a compreensão do texto (no presente caso, os textos dos documentos que serão

analisados) nele mesmo. Mas onde entra a dialética na análise hermenêutica-dialética? Minayo (2004, p. 227) tenta responder à questão ao dizer que, enquanto a hermenêutica se caracteriza por buscar atingir no seu tempo, via compreensão, “o sentido do texto, a crítica dialética se dirige contra seu tempo. Ela enfatiza a diferença, o contraste, o dissenso e a ruptura de sentido. A hermenêutica destaca a mediação, o acordo e a unidade de sentido.” Nestes termos, a autora assinala que a junção da hermenêutica com a dialética conduz o pesquisador na busca da compreensão do texto como consequência de uma interação entre o processo social e o de conhecimento, os dois resultantes de várias determinações históricas, porém com significados próprios. E conclui, afirmando que o texto em análise constitui uma representação social de “uma realidade que se mostra e se esconde na comunicação, onde o autor e o intérprete são parte de um mesmo contexto ético-político e onde o acordo subsiste ao mesmo tempo em que as tensões e perturbações sociais.” (MINAYO, 2004, p. 228).

Em termos práticos foi realizada primeiramente, a construção de um quadro contendo as unidades temáticas de análise, extraídas de leituras exaustivas dos textos transcritos das três entrevistas. O Apêndice C contém essas unidades temáticas de análise, das quais emergiram vários núcleos de sentidos que remetiam ao tema da pesquisa de modo a formular reflexões, com base em elementos do referencial teórico, no sentido de elaborar possíveis respostas à questão investigativa.

3. APONTAMENTOS SOBRE OS ESPAÇOS DE REALIZAÇÃO DAS AULAS DE EDUCAÇÃO DE FÍSICA NA ESCOLA

Vago (2009), ao "pensar o lugar da Educação Física: a escola e seus vínculos com as culturas" assinala os seguintes aspectos:

A escola é um lugar situado entre as culturas porque estabelece relações com outros lugares em que os humanos produzem suas culturas – nas ruas, nas praças, nos pertencimentos religiosos, na política, nas tantas manifestações artísticas, por exemplo. Nem poderia ser de outro modo, se compreendemos a escola como uma instituição envolvida nas práticas sociais. (VAGO, 2009, p. 28).

O autor reafirma a escola como um lugar/espço de cultura.

Em suma, escola é lugar de circular, de reinventar, de estimular, de transmitir, de produzir, de usufruir, enfim, de praticar cultura. Uma instituição peculiar, com suas maneiras próprias de organizar-se e de relacionar-se com outras culturas produzidas e compartilhadas pelos humanos. As experiências culturais que nos constituem como humanos também têm lugar na escola, no protagonismo de seus professores e estudantes. A escola é lugar para o direito de todos às culturas. (VAGO, 2009, p. 28).

A escola deve ser um local onde seus alunos possam buscar conhecimentos de várias formas e possibilidades.

O espaço escolar pode exercer influência significativa sobre a qualidade da educação, tendo em vista que prédios e instalações adequadas, a existência de biblioteca escolar, espaços esportivos e laboratórios, acesso a livros didáticos, bem como materiais de leitura e pedagógicos, a existência de uma relação adequada entre o número de alunos e o professor na sala de aula e maior tempo efetivo de aula, por exemplo, possivelmente, constituem indicativos para a melhoria e elevação dos níveis da qualidade na educação (SATYRO; SOARES, 2007).

As escolas necessitam se materializarem em locais adequados para melhor viabilizar sua tarefa social de formação das novas gerações. Nessa direção, o documento das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Básica (BRASIL, 2013, p. 91) vai preconizar a

[...] necessidade de uma infra-estrutura e de formas de funcionamento da instituição que garantam ao espaço físico a adequada conservação, acessibilidade, estética, ventilação, insolação, luminosidade, acústica, higiene, segurança e dimensões em relação ao tamanho dos grupos e ao tipo de atividades realizadas. (BRASIL, 2013, p. 91).

A estrutura pode interferir até no trabalho dos professores, e mesmo sendo eles mais criativos e diante dos mais belos ideais educativos, podem falhar, caso não encontrem espaços e condições materiais para concretização de seus planos de trabalho (DAMAZIO, SILVA, 2008).

O documento das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica assinala na seguinte direção: de metodologias inovadoras, da importância de planejamento de aulas que priorizem a experimentação dos conhecimentos, mediante situações diversificadas de aulas e em tempos e diferentes espaços escolares e extraescolares.

São também importantes metodologias de ensino inovadoras, distintas das que se encontram nas salas de aula mais tradicionais e que, ao contrário dessas, ofereçam ao estudante a oportunidade de uma atuação ativa, interessada e comprometida no processo de aprender, que incluam não só conhecimentos, mas, também, sua contextualização, experimentação, vivências e convivência em tempos e espaços escolares e extraescolares, mediante aulas e situações diversas, inclusive nos campos da cultura, do esporte e do lazer. (BRASIL, 2013, p. 181).

Nesse sentido, o espaço escolar deve ser visto como aliado do trabalho dos professores e não como um problema, ou algo que desestabilize sua ação pedagógica (FRITZEN, 2014). Segundo Damazio e Silva (2008) podemos adaptar e reivindicar estes espaços:

Os espaços e as condições disponíveis merecem ser adaptadas, reinventadas e criadas no nosso entendimento. Dependendo da concepção de ensino e da perspectiva curricular adotadas pelo professor, espaços alternativos e obstáculos podem se transformar em recursos para possibilitar a criatividade, a inovação e a construção de práticas diversificadas.(DAMAZIO; SILVA, 2008, p. 144).

A falta de espaços não pode ser apenas um empecilho para ministrar as aulas, devemos buscar espaços de qualidade, lutar pelos direitos que são instituídos por documentos oficiais que norteiam a educação, mas na falta dele devemos buscar adaptar e despertar um senso crítico nos alunos para que estes entendam a razão de tal adaptação.

Sobre a utilização dos espaços Fritzen (2014, p. 21) assinala que "[...] a diversificação dos espaços aconteça de forma efetiva, o olhar do educador

deve ir além, deve ir ao encontro de novas ações, novas formas de pensar a educação, perpassando por locais diferentes à sala de aula já conhecida."

Vimos neste relato a importância da diversificação dos espaços, buscando a inovação com a qualidade do ensino para que a aula decorra da melhor forma possível, sendo relacionado a uma intencionalidade de buscar aulas de Educação Física em ambientes externos. Sendo assim os espaços das escolas são caracterizados como locais de extrema importância para pensar a prática.

Os espaços da Educação Física não deveriam ser caracterizados apenas pelas quadras, ao contrário, poderia se perguntar: nós professores não podemos utilizar a sala de aula, auditórios, bibliotecas, ou espaços além da escola? É importante a utilização de locais que priorizem o aprendizado, experiências e sensações,

Matos (2007) ao tratar sobre os espaços físicos das escolas e seus aprendizados ressalta que enquanto os professores.

[...] focados numa Educação Física libertadora, não podemos considerar que uma simples quadra poliesportiva pode suprir todas nossas necessidades. Pelo contrário, a visão de um espaço como este tende a nos alienar e concluirmos que apenas isso nos basta. Dessa forma, tenderemos a aplicar aulas tecnicistas e reprodutivistas, voltada apenas para a esportivização. (MATOS, 2007, p. 03).

As quadras poliesportivas podem fazer parte das aulas, mas não devem ser o único local para a construção da Educação Física, superando a visão de treinamento esportivo na escola.

No Coletivo de Autores (1992), há uma demarcação relativa ao caráter histórico do processo de sistematização dos conteúdos da Educação Física Escolar, que os tornam inesgotáveis e provisórios, ou seja, abertos às novas explorações e proposições. Desse modo, é possível agregar outros conteúdos, como práticas corporais ao ar livre, e, dentre elas, podem ser compreendidos os banhos de mar, em rios e lagoas, passeios a cavalo, acampamentos, exposição ao sol, caminhadas em bosques e parques, assim como uma diversidade de jogos e brincadeiras ao ar livre, pois se constituem como construções históricas que se ancoraram em uma nova visão estabelecida pelo ser humano frente à natureza (DALBEN, 2015).

Dalben (2015), em pesquisa em que analisa a história das práticas corporais ao ar livre e as relações estabelecidas ao longo do tempo com o universo escolar, oferece uma contribuição aos professores de Educação Física nos seguintes termos:

Não se trata de pensarmos as inúmeras possibilidades atuais de se trabalhar esse conteúdo, mas de definirmos e legitimarmos as práticas corporais ao ar livre enquanto uma expressão da cultura corporal que foi codificada ao longo do tempo e que se encontra disponível para ser debatida, vivenciada, problematizada e resignificada por professores e alunos nas aulas de Educação Física. (DALBEN, 2015, p. 906).

Nesse sentido, o autor reafirma a importância dos professores virem a reconhecer as práticas corporais ao ar livre como um conteúdo também a ser tratado nessas aulas. Tal assertiva corrobora para a quebra da hegemonia do esporte, ainda hoje, como conteúdo exclusivo dessas aulas.

Betti (1999), por sua vez, destaca que a questão do espaço para as aulas de Educação Física nas escolas é problemática.

Várias escolas que conheço não possuem um espaço apropriado para a prática da Educação Física. Entretanto, a restrição a que se impõe o próprio professor é, muitas vezes, o maior empecilho à prática. Isto ocorre justamente pela associação aula de Educação Física/Esporte, ou seja, o professor sempre imagina uma aula na quadra, com bolas oficiais, etc. Quando isto não existe na escola, ou quando a quadra não pode ser utilizada, a aula termina. Mesmo que o conteúdo a ser desenvolvido seja a ginástica, por exemplo, ou a dança, a aula é, via de regra, realizada na quadra. A escola acaba preocupando-se com a organização do espaço físico voltado aos padrões esportivos vigentes e adapta este espaço apenas com fins de competições esportivas (BETTI, 1999, p. 29).

Os cursos de formação inicial de licenciatura em Educação Física deveriam assumir uma responsabilidade maior sobre essa questão da pesquisa, isto é, sobre as possibilidades e limites de usos dos espaços externos à escola para as aulas de Educação Física. Na minha trajetória como acadêmico desse curso, pude constatar que as disciplinas que poderiam problematizar a questão acabam reforçando o padrão esportivo, quer dizer, que as aulas devem ser ministradas em quadras poliesportivas, com regras e locais oficiais para a prática dos esportes tradicionais dessas aulas. A falta de diálogo

e discussões entre professores e acadêmicos acaba em disciplinas que não levam a pensar em outros tipos de aulas além das tradicionais.

Entretanto, a questão do espaço físico das aulas de Educação Física nas escolas é um problema que permanece desde muito tempo. No entendimento de Costa (2015) é inevitável avaliar a relação exercida entre professores de Educação Física com o espaço em que ministram suas aulas, tendo em vista que este é um dos elementos com os quais o professor trabalha na construção de sua prática. Neste sentido, cabe a esses professores pensarem em ambientes internos e externos das escolas, de tal modo que possam redescobrir outras possibilidades para as suas aulas.

Nessa direção parece convergir o documento norteador da prática pedagógica da Rede Municipal de Ensino Público de Florianópolis que, materializado numa proposta curricular, discorre sobre o ambiente de aula para Educação Física:

Quanto ao ambiente de aula, os(as) professores(as) sugerem que ele tem que variar. Não se deve, quando possível, dar aulas somente nas quadras. Às vezes a escola disponibiliza outros espaços, como salas de aula, galpões, etc., e os(as) professores(as) podem fazer jogos nesses locais, ter conversas, desenvolver teorias, e assim por diante. A Educação Física é privilegiada quando dispõe de espaços ao ar livre, planejando atividades em ambientes diversificados, como os gramados, árvores, praias, etc. [...] Outro recurso de que se deve valer a Educação Física é o de planejar aulas em que os(as) alunos(as) aprendem teorias fazendo práticas, teorizam enquanto realizam atividades corporais. Teoria e prática podem se completar, desde que as atividades planejadas provoquem situações de conflitos, de dúvidas. (FLORIANÓPOLIS, 2008, p. 133).

Nesse fragmento do documento é possível notar uma ideia de superação da vinculação das aulas de Educação Física ao determinismo das práticas típicas de espaços esportivizados quando enaltece o planejamento de atividades em espaços ao ar livre, mas sem aprofundar-se nas consequências desta proposição. Costa (2015), por sua vez, consegue ir um pouco além nessas consequências quando reflete sobre a mudança de espaço nas aulas de Educação Física.

Mudar o espaço e suas relações entre interno e externo, entre áreas edificadas e não-edificadas, suas separações e limites, seus usos, transições e comunicações, muda a própria natureza do lugar, neste caso, da escola. Assim, o professor passa a ser também um

arquiteto, e a educação, um processo de configuração, de construção de espaços. (COSTA, 2015, p. 62).

Portanto, como vimos, há possibilidades para os professores de Educação Física desconstruírem as barreiras, físicas e conceituais, que configuram e determinam o padrão de espaço físico para a realização das aulas.

Para além das particularidades da Educação Física há estudos que também se dedicam à presente temática da pesquisa. Um exemplo é o de Fritzen (2014) que em estudo com professoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental propõem o uso de diferentes espaços escolares, tendo em vista a organização das situações de promoção da aprendizagem.

Os espaços externos que a escola tem a oferecer precisam ser aproveitados tanto pelos professores e suas respectivas turmas como por toda a escola, oportunizando a todos os alunos vivências com espaços não escolarizados (espaço público), promovendo a socialização dos estudantes com a comunidade em geral, incluindo-os ainda mais na cultura local. (FRITZEN, 2014, p.33).

A autora atribui relevância ao uso desses espaços externos por aproximar os estudantes da cultura local em que estão inseridas as escolas.

Entretanto, cabe ressaltar que existem pontos negativos na utilização destes espaços externos, conforme destacado por Costa (2015) quando diz existir, efetivamente, motivos reais para que os professores considerem perigoso sair com os alunos para espaços externos, pois esses professores acreditam que existem muitos riscos fora das escolas, como ruas muito movimentadas, pessoas que usam drogas, objetos que podem causar acidentes, além de baixa participação de outros profissionais da escola.

Nessa linha de pensamento, para muitos professores “a escola é percebida como um reduto de segurança, cercado, em que todas as crianças estão ao alcance da vista e das mãos, de modo que os riscos são minimizados.” (COSTA, 2015, p. 182). O mesmo autor ainda destaca algumas representações relativas às situações de saídas das escolas.

Há indícios de que a sensação de insegurança, além de uma dimensão material, possui também um componente simbólico, tendo em vista que, entre outros elementos, o próprio discurso governamental é de que as crianças devem estar na escola para que

não estejam “nas ruas”, soltas, correndo riscos que, em tese, não existem no interior de seus muros. (COSTA, 2015, p. 183).

Existe uma preocupação por parte dos professores em evitar riscos para as crianças e responsabilidade para si próprios, o que limita o raio de atuação do professor ao terreno da própria escola (COSTA, 2015). Tais riscos parecem inviabilizar outros tipos de práticas, sendo que até mesmo dentro da escola há necessidade de pensar em aulas que priorizem a segurança.

É importante salientar que pode haver riscos nestas saídas da escola, como também existem dentro dela, mas não se pode negar que são geradas grandes possibilidades de aprendizagem nos espaços exteriores à instituição.

4. DAS ENTREVISTAS: O QUE DIZEM SOBRE OS ESPAÇOS EXTERNOS?

Do quadro das unidades temáticas de análise (ver o Apêndice C) surgiram vários núcleos de sentido.

Um núcleo de sentido muito referenciado pelos entrevistados diz respeito à intencionalidade de tomar um distanciamento da quadra poliesportiva, de ir além de suas demarcações e regras restritas ao esporte, de ir em busca de espaços diferenciados, como por exemplo, ambientes mais próximos da natureza.

Outro núcleo de sentido recorrente está relacionado ao interesse por espaços mais naturais, como trilhas, praias, pastos, campos, dunas, dentre outros locais.

E um terceiro núcleo de sentido que se repetiu entre os entrevistados foram as diferenças e relações entre os usos de espaços internos e externos à escola nas aulas de Educação Física.

Os tópicos, a seguir, buscam apresentar esses núcleos de sentido de modo a refletir em torno das questões da pesquisa com a literatura destacada.

4.1 LIMITES DOS ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA

Há muito tempo, os espaços tradicionais das aulas de Educação Física nas instituições escolares são demarcações espaciais dadas a partir de uma quadra poliesportiva que pode limitar a prática pedagógica dos professores apenas aos conteúdos relacionados aos esportes.

O *Entrevistado 2*, na narrativa a seguir, comenta sobre a determinação das demarcações espaciais do esporte presentes na quadra poliesportiva, espaço tradicional das aulas de Educação Física.

Eles são sempre vinculados ao perfil esportivo da Educação Física. Então é a quadra poliesportiva por exemplo, com uma determinada marcação, tem a trave, tem as tabelas de basquete, tem o poste do vôlei, as vezes tem uma arquibancada. Ele está vinculado a uma imagem de Educação Física que é tradicional. Claro que tem uma legitimidade que é essa imagem do esporte de rendimento. (ENTREVISTADO 2, Florianópolis, 30/09/2016).

Entretanto, esse determinismo do esporte em relação ao espaço nas aulas de Educação Física, no caso específico da Rede Municipal de Ensino Público de Florianópolis, parece que em alguma medida já tem sido tratado nos momentos de formação continuada desta rede, como é possível constatar no trecho de um documento de proposta curricular que segue.

Quanto ao ambiente de aula, os(as) professores(as) sugerem que ele tem que variar. Não se deve, quando possível, dar aulas somente nas quadras. Às vezes a escola disponibiliza outros espaços, como salas de aula, galpões, etc., e os (as) professores(as) podem fazer jogos nesses locais, ter conversas, desenvolver teorias, e assim por diante. (FLORIANÓPOLIS, 2008, p. 133).

Neste trecho do documento podemos perceber a importância de buscar outros espaços interiores à escola, além das quadras poliesportivas, para a realização das aulas de Educação Física. Por consequência, havendo também a possibilidade de se buscar por espaços alternativos para além dos espaços circunscritos à escola. Aliás, tal possibilidade também é indicada no mesmo documento quando descreve alguns indicativos acerca do planejamento desse componente curricular: “A Educação Física é privilegiada quando dispõe de espaços ao ar livre, planejando atividades em ambientes diversificados, como os gramados, árvores, praias, etc.”. (FLORIANÓPOLIS, 2008, p. 133 - grifo do autor).

As imagens, a seguir, são ilustrativas dessa possibilidade de uso de espaços externos à escola. Segundo o *Entrevistado 1*, trata-se de um registro de um fragmento de uma aula de Educação Física realizada na área de areia e de pedras de uma praia próxima à escola em que lecionava. Ainda nas palavras do *Entrevistado 1*, o tema da aula versava sobre saltos e o desafio-problema colocado para as crianças consistia em se experimentarem nesse tipo de movimento tendo as áreas de pedras e de areia da praia como lugar para tais experimentações. Essa situação didático-pedagógica encontra correspondência nas formulações e reflexões do Grupo de Trabalho Pedagógico UFPe-UFMS (1991, p. 65) quando apresentam um exemplo prático de aula tendo o "saltar" com a seguinte consideração: "o tema 'saltar' deveria ser oferecido de tal modo a possibilitar que os alunos pudessem mostrar ou, melhor, descobrir oportunidades de saltos [...]."

FIGURA 2 - Crianças brincando com saltos na praia.



FONTE: Imagens cedidas pelo *Entrevistado 1* (2016)

Também, nessa perspectiva indicada pelo documento anterior, do privilégio da Educação Física poder planejar atividades também para espaços

externos, o *Entrevistado 3* apresenta alguns elementos dessa possibilidade de exploração para o uso desses espaços nas aulas de Educação Física.

Eu sinto que com as minhas experiências, de poder de explorar esses espaços e fazer dessa experiência algo significativo para mim, é um conhecimento diferente e pouquíssimo valorizado, ele não tem status, mas ele é simplesmente uma das coisas mais fantásticas, quando tu podes experimenta-lo, sem exigência de performance, de competição, no começo da vida, se experimenta dessa forma tu simplesmente tu bloqueia essa possibilidade de experiência mais ampla. É preciso mostrar outra possibilidade de experiência como dizia o Kunz, as crianças tem que ter experiências de sucesso, dada tamanha força que tem isso no que nos constitui. (ENTREVISTADO 3, Florianópolis, 05/10/2016).

A exploração dos espaços externos nas aulas de Educação Física, quando orientadas por princípios didático-metodológicos críticos, podem proporcionar conhecimentos diferentes daqueles que tem lugar no interior da escola quando as aulas de Educação Física estão orientadas à luz da perspectiva tradicional de ensino. Essa possibilidade enfatizada por Kunz, "*que as crianças tem que ter experiências de sucesso*", ao final do trecho acima da narrativa do *Entrevistado 3*, nos remete às contribuições desse autor em relação às mudanças necessárias no ensino da Educação Física, dentre elas a concepção de um ensino aberto às experiências. A esse respeito Kunz (1991, p. 191) alerta para o seguinte aspecto: "Com relação à inclusão das experiências de movimentos realizados fora do contexto escolar pela criança, no ensino da Educação Física - para isto fomentar a iniciativa e a participação do aluno - a aula deverá ter um caráter de abertura já na sua estrutura de planejamento".

Para os três entrevistados, os espaços internos da escola, em relação as aulas de Educação Física, já estão pré-determinados e demarcados pelo padrões esportivos. A supremacia dos esportes nas aulas de Educação Física tem determinado as características do espaço dessas aulas, ou como reafirma Betti (1999): o esporte é o veículo mais utilizado como forma de difusão do movimento corporal na escola. Em contrapartida, assinalam, que quando os alunos vivenciam experiências mais "abertas de ensino" nessas aulas em espaços externos às escolas, eles sentem-se mais livres e criam novas brincadeiras, fazem suas próprias regras em conjunto, se organizam de forma

que tudo dê certo, fato que raramente acontece dentro de uma aula de Educação Física quando realizada nos espaços internos da escola.

Portando, os limites dos espaços da escola para a Educação Física, materializados nos determinismos do esporte na configuração dessas aulas, parece ser uns dos principais motivos de professores de Educação Física que buscam o uso de espaços externos à escola.

4.2 O INTERESSE POR ESPAÇOS EXTERNOS MAIS PRÓXIMOS DA NATUREZA

Para os entrevistados, o interesse de utilizar espaços externos mais próximos da natureza, com diferentes pisos, como terrenos gramados, áreas de areia de praias, tem a ver com a possibilidade das crianças (alunos) experimentarem diferentes sensações, de modo a se traduzir numa opção inovadora de aula para a Educação Física escolar.

Nos relatos dos professores entrevistados se verifica uma procura por espaços externos que se relacionem com a natureza, com praias, pastos, lagoas, dunas, e com diferentes pisos como o gramado, a areia da praia ou a própria terra. Nessa perspectiva, o *Entrevistado 3*, quando perguntado sobre os motivos que o levaram a usar espaços com essas características, relatou que:

O contato com a natureza, principalmente nesses espaços ecológicos, que é fundamental, sensibiliza muito as crianças, um espaço de alta sensibilidade, principalmente nos momentos das trilhas, que é um momento de observar, se deixar entrar naquela mata, é muito interessante. (ENTREVISTADO 3, Florianópolis 05/10/2016).

Nesse sentido, essa ideia de contato com a natureza colocada pelo *Entrevistado 3* pode ser aproximada do que Kunz (2001, p. 22-23) ressalta sobre "infância e racionalização de mundo pelo adulto", quer dizer, para o autor "[...] somos guiados por referências externas a nós e que, por isso, desaprendemos a interpretar e entender o diálogo que a nossa natureza corporal estabelece com o mundo, onde nós nos incluímos como seres sociais, culturais, espirituais e da natureza [...]"

De acordo com o *Entrevistado 2*, o uso e exploração das possibilidades dos espaços externos são uma boa opção para as aulas de Educação Física, diante da atual configuração espacial dos ambientes escolares.

Quando você está na unidade fica aquela coisa assim, é um piso de concreto, é só aquele quadrado ali, então te dá poucas possibilidades. Quando tu vai para um espaço externo, eu sempre preferi: “ah pode ser construído pelo ser humano, mas é praça”. Porque a praça tem árvore, gramado, tem um relevo diferente. Traz uma outra possibilidade para a criança. E o especial, acho que o espaço mais legal nesse aspecto era a areia da praia. Por que? Primeiro por ser areia, já um piso completamente diferente, a gente tirava o tênis, daí fazia as atividades descalço, eles se jogavam na areia mesmo, se sujavam mais. Nessa escola era legal porque tinha uma parceria com as professoras, com o diretor da escola. (ENTREVISTADO 2, Florianópolis, 30/09/2016).

FIGURA 3 - Crianças brincando num balanço impulsionado por elas



FONTE: Imagem cedida pelo *Entrevistado 1* (2016)

A imagem acima constitui uma boa ilustração do uso e exploração das possibilidades dos espaços externos à escola para a realização das aulas de Educação Física. Na imagem é possível compreender melhor a frase do

Entrevistado 2 em que diz que o uso de espaços externos trazem "uma outra possibilidade para a criança", quer dizer, determinados espaços externos, especialmente as áreas com árvores e gramados podem corroborar para as intenções didáticas de professores de Educação Física que desejam que as crianças se experimentem em suas capacidades criativas de movimento.

O fato de esses espaços externos serem constituídos por pisos diferentes, como gramados, terra e areia, pode gerar diferentes tipos de sensações nas crianças. Aliás, o simples contato das crianças de pés descalços na terra, na grama, ou na areia promove, ou melhor, pode restabelecer uma sensação de integração homem e natureza, o ser humano como parte integrante da natureza. A esse respeito Dalben (2015) traz as seguintes considerações sobre as práticas corporais ao ar livre:

A descoberta das possibilidades de divertimentos na natureza esteve associada com um peso cada vez maior que a cultura conquistou sobre as sensações imediatas, o que possibilitaria que o corpo entrasse em contato direto com os elementos naturais, que se imergisse por deleite no mar, que se despisse para o contato com os raios solares, que escalasse as montanhas e apreciasse o ar de altitude como mais fresco e revigorante. (DALBEN, 2015, p. 907).

As considerações do autor reafirmam a importância das práticas corporais ao ar livre e convergem para as intencionalidades pedagógicas sobre os usos de espaços externos para as aulas de Educação Física contidas nas narrativas dos entrevistados.

Mesmo que os professores não consigam utilizar os espaços fora da escola, é importante que as características desses locais sejam incluídas dentro da escola, visto que os ambientes educacionais parecem ser planejados ignorando a importância de inclusão de espaços específicos no interior das escolas com áreas "verdes" ou mais naturais, como árvores, gramados, hortas, dentre outros. Ao contrário, Costa (2015), a seguir, assinala alguns aspectos caracterizadores da configuração espacial dos espaços internos

A maior parte das escolas possuem pátios com piso de concreto, cimento ou lajota, mas poucas unidades têm piso de grama ou terra/areia. Seja pela facilidade para manter (menor possibilidade de atrair animais ou insetos, desnecessário cortar a grama ou limpar a terra/areia regularmente), ou por uma escolha baseada em custos para implantação, o que se percebe é que os espaços "livres" de construção nas UEs (Unidades Escolares), em sua maioria, são

recobertos por pisos firmes, sólidos e artificiais. (COSTA, 2015, p.100).

O *Entrevistado 1*, a esse respeito, traz em sua narrativa elementos bastante contundentes que se materializam numa crítica à caracterização típica dos espaços internos das escolas da Rede Municipal de Ensino Público de Florianópolis apontada por Costa (2015). Tal crítica do *Entrevistado 1* é pautada na imprescindibilidade dos espaços internos das escolas se aproximarem dos elementos próprios da natureza.

As escolas deveriam ter esse tipo de espaço, as escolas deveriam ter muito mais espaço livre e espaço mais próximo do natural, área com árvores, gramado, areia, para que as crianças pudessem brincar, pudessem se movimentar, do que espaço construído, espaços artificiais, espaços cimentados ou espaços com grama sintética, enfim, as escolas deveriam sim nos seus projetos arquitetônicos só serem concebidas se tivessem mais espaços livres e espaços naturais do que espaço construído (ENTREVISTADO 2, Florianópolis, 15/09/2016).

Nesse sentido, o interesse por espaços externos mais próximos da natureza, demarcado aqui na viabilidade e possibilidades das três narrativas, nos faz pensar que tais iniciativas, carregadas das intencionalidades destes três entrevistados, podem gerar ricas contribuições dessas iniciativas para reconfigurações dos espaços internos das atuais escolas.

4.3 DIFERENÇAS E RELAÇÕES ENTRE OS USOS DE ESPAÇOS INTERNOS E EXTERNOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Os espaços internos e externos geram possibilidades para a Educação Física, isso não implica em um espaço melhor ou pior, mas quais possibilidades esses espaços podem oferecer para a efetivação de conteúdos e metodologias que concorram para processos crescentes de legitimação social da Educação Física no currículo escolar. O *Entrevistado 2*, a seguir, apresenta vários elementos relativos ao uso de espaços internos e externos, bem como das sensações que são geradas no contato das crianças tanto num espaço quanto no outro.

[...] eu preciso ampliar para além do esporte, porque daí eu já levo eles para um espaço que já diz o que eles vão fazer. Então, as vezes, eu quero levar para um espaço que não tenha essa demarcação, que não tenha esse perfil. Quando eu levava lá para o gramado no clube, primeiro que era um espaço enorme que dava uma outra referência para eles. Não era uma quadra, quadradinha e pequena como era a da escola. Então assim, eles tinham uma liberdade de correr, o que eu não podia dar para eles na quadra, na quadra eu não podia fazer uma atividade assim: “corram até cair”. Eles iam se machucar. Mas lá no gramado eu dizia: “corram até não aguentar mais”, “agora corram com a mão no chão”, “agora não sei o que” (ENTREVISTADO 2, Florianópolis, 30/09/2016).

Neste relato podemos observar as possibilidades de experiências que cada espaço pode oferecer, enquanto na quadra poliesportiva da escola a prática pedagógica dos professores de Educação Física pode se restringir à influência determinista dos princípios do esporte de alto nível, nos espaços fora do ambiente da escola, pode existir uma maior liberdade para os alunos se experimentarem.

FIGURA 4- Crianças brincando de bandeira-salva num espaço de grama e areia



FONTE: Imagem cedida pelo *Entrevistado 1* (2016).

A imagem, acima, é por demais ilustrativa dessa possibilidade acima descrita dos espaços externos proporcionarem uma maior liberdade para os alunos puderem se experimentar. Num olhar mais atento a alguns detalhes da

imagem é possível notar que as crianças estão completamente entregues ao jogo, que as dimensões espaçadas do espaço e tipo de piso parecem ser cúmplices do jogo que as crianças estão mergulhadas.

Segundo os relatos dos professores entrevistados, a adoção de aulas em sequência, ou das aulas "faixas", foi uma estratégia para viabilizar o uso de espaços externos, tanto para os tempos de deslocamentos quanto pela imperiosidade de mais tempo para realização das atividades nesses espaços externos. Eles buscavam aulas que fossem em faixas ou fazer relação com outras disciplinas para que houvesse a união das aulas. O *Entrevistado 1* confirma essa estratégia nos seguintes termos:

[...] para poder usar estes espaços externos implicava em um tempo de deslocamento, então eu organizava as aulas não em uma aula, mas em duas aulas faixas [...]. (Entrevistado 1, Florianópolis, 15/09/2016).

Tal estratégia adotada pelo *Entrevistado 1* converge para o que preconiza, em termos de planejamento das aulas de Educação Física, a proposta curricular da Rede Municipal de Ensino Público de Florianópolis de 2008.

Quanto ao planejamento, os(as) professores(as)(as) lembram que os 45 minutos tradicionais prejudicam a qualidade das aulas, uma vez que há o deslocamento para a quadra e o retorno para a sala, além do arranjo dos materiais. Aulas duplas proporcionariam melhor qualidade, melhor aproveitamento dos planos elaborados. (FLORIANÓPOLIS, 2008, p. 133).

O *Entrevistado 3*, aliás, parece incorporar bem o espírito da possibilidade de planejar o tempo das aulas de Educação Física para além do tempo tradicional de 45 minutos, e procura planejar suas aulas de modo a considerar o tempo necessário para o desenvolvimento de seus projetos de ensino:

“O próprio fato de não trabalhar com aulas de 45 minutos, porque eu levo muito tempo para montar os espaços e desmontar, fui até questionada, eu não abro mão de trabalhar com períodos inteiros, isso foi fundamentado em muitos estudos, e experiências de nossos colegas na rede municipal, essas coisas são fundamentais, são princípios da experiência que agente realiza, eu e outros colegas (ENTREVISTADO 3, Florianópolis, 05/10/2016)”.

Essa amplitude maior de tempo para as aulas implica que as atividades podem ser realizadas respeitando o tempo das crianças (alunos), além de não interromper as atividades.

Por fim, devo registrar que as diferenças e relações entre os espaços internos e externos nas aulas de Educação Física assinaladas pelos entrevistados podem ser caracterizadas pelos seguintes aspectos: por um lado a quadra poliesportiva pode limitar as intervenções dos professores de Educação Física quando estes se submetem aos determinismos e serem cópia irrefletida dos esportes (KUNZ, 1994), e por outro lado, os espaços externos podem causar uma sensação de liberdade nas crianças.

5. CONCLUSÃO

Nesta pesquisa foram investigados os motivos que mobilizaram professores de Educação Física a realizarem as aulas desse componente curricular em espaços externos à escola. Suas respostas foram diversas, mas se aproximaram em alguns pontos, como os limites dos espaços de Educação Física na escola, o interesse em buscar espaços externos mais próximos da natureza e diferenças e relações entre os usos de espaços internos e externos à escola nas aulas de Educação Física.

É interessante observar que na narrativa dos entrevistados há referência de que se espelharam em professores que já buscavam estes espaços externos para as aulas de Educação Física. Esse tipo de relato é importante, pois demonstra a importância de pensar diferente em relação ao espaço físico típico dessas aulas na escola e, assim, podendo vir a influenciar outros professores a repensarem suas práticas.

Pensar em espaços externos não é apenas sair da escola sem uma intencionalidade pedagógica, mas sim buscar outro ambiente que seja capaz de proporcionar maior liberdade de ação, de movimento para as crianças, que possibilite a vivência de suas capacidades, de novas sensações frente a uma forma inovadora de experimentar os conteúdos da disciplina Educação Física.

Desta forma podemos pensar em uma escola que se relacione e faça efetivamente parte da comunidade, assim formando uma instituição sem “muros” que não separem o espaço de dentro e fora, assim formando alunos mais críticos e menos conformados com a instituição escolar.

Os achados aqui apresentados constituem bons indicativos de perspectivas para o uso de espaços externos nas aulas de Educação Física, além dos espaços típicos da escola.

REFERÊNCIAS

BETTI, Irene Conceição Rangel. Esporte na escola: Mas é só isso, professor? **Motriz**, Rio Claro, v. 1, n. 1, p. 25-31, jun. 1999. Trimestral. Disponível em: <<http://www.ceap.br/material/MAT05022010213839.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2016.

BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília, 2013.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

COSTA, André Justino dos Santos. **O espaço em escolas públicas municipais de Florianópolis e sua implicação nas escolhas curriculares de professores de Educação Física**. 2015. 252 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Departamento de Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <<http://tede.ufsc.br/teses/PGEF0407-D.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2015.

DALBEN, André. Diálogos entre o corpo e a natureza: As práticas corporais ao ar livre e a Educação Física escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 4, p. 903-914, dez. 2015. Trimestral. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/51251>>. Acesso em: 28 ago. 2016.

DAMAZIO, Mácia Silva; SILVA, Fatima Paiva. **O ensino da educação física e o espaço físico em questão**. Disponível em <www.revistas.ufg.br/index.php> acesso em: 15 de abril de 2016.

FLORIANÓPOLIS. Prefeitura Municipal de. Secretaria Municipal de Educação. Departamento de Educação Fundamental. **Proposta Curricular**. Florianópolis, SME/DEF, 2008.

FRITZEN, Joice Luisa. **De espaços escolares a ambientes de aprendizagem: a importância da diversificação dos espaços para promover aprendizagem**. 2014. 52 f. Monografia (Especialização) - Curso de Pedagogia, Centro Universitário Univates, Lajeado, 2014. Disponível em: <<https://www.univates.br/bdu/handle/10737/708>>. Acesso em: 11 maio 2016.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

Google. Google Maps. <http://maps.google.com.br> (acessado em 12 de novembro de 2016), 2008.

GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO UFPe-UFSM. **Visão didática da Educação Física**: análises críticas e exemplos práticos de aulas. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1991.

HILDEBRANDT-STRAMANN, Reiner. **Textos pedagógicos sobre o ensino da educação física**. Ijuí: EdUnijuí, 2003.

KUNZ, Elenor. **Educação Física: ensino e mudanças**. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 1991.

_____. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: UNIJUÍ, 1994.

_____. Práticas didáticas para um "conhecimento de si" de crianças e jovens na educação física. In: **Didática da educação física 2**. Ijuí-RS: INIJUÍ, 2001.

MATOS, Marcelo da Cunha. **Espaço Físico Escolar: Objeto Indispensável Para A Educação Física?** 2007. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://cev.org.br/biblioteca/espaco-fisico-escolarobjeto-indispensavel-para-educacao-fisica/>. Acesso: 17/05/2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8ª ed., São Paulo: Hucitec, 2004.

SÁTYRO, Natália.; SOARES, Sergei. A infraestrutura das escolas brasileiras de ensino fundamental: um estudo com base nos censos escolares de 1997 a 2005. **Textos para Discussão n. 1267**. Brasília, DF: IPEA, 2007.

VAGO, Tarcísio Mauro. Pensar a educação física na escola: para uma formação cultural da infância e da juventude. **Cadernos de formação RBCE**, Campinas, v. 1, n . 1, set. 2009. p. 25-42. Semestral. Disponível em: <<http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/930>>. Acesso em: 12 de novembro 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE A- ROTEIRO DA ENTREVISTA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE DESPORTOS

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Pesquisa: O uso de espaços externos nas aulas de educação física além dos espaços típicos da escola.

Pesquisador: Rafael Augusto Cunha

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Momento 1 - Caracterização do indivíduo

- 1) Qual a sua idade?
- 2) Quanto tempo de magistério?
- 3) Qual a sua instituição da formação inicial?
- 4) Você tem formação continuada?
- 5) Há quanto tempo atua/atuou na unidade escolar?
- 6) Quanto tempo leciona/lecionou na Rede Municipal de Florianópolis?

Momento 2 – Os espaços externos à escola para as aulas Educação Física

- 1) Você utiliza ou utilizou espaços externos à escola para ministrar suas aulas?
- 2) Você poderia caracterizar esses espaços? Eles são mais naturais, contém mais elementos da natureza, ou são mais espaços produzidos pela cultura humana?
- 3) Existia/existem problemas, barreiras para utilizar esses tipos de espaços nas aulas de educação física? Havia/há resistência/objeção da Direção da escola para esse tipo de aulas fora do espaço escolar? Havia/há dificuldades de traslado/acesso do interior da escola até o local desses espaços?

4) Em relação ao uso desses espaços externos e o uso dos espaços tradicionais como as quadras para a realização das aulas de educação física na escola, você vê diferenças? Você poderia especificar/caracterizar quais são essas diferenças? Pergunto o que você pensa da possibilidade das escolas incluírem em seus interiores espaços como esses que você utilizou/utiliza fora da escola? Por que, em geral, os projetos arquitetônicos das escolas negligenciam/ignoram/não consideram essa questão?

Momento 3 – Motivos e interesses para usar esses espaços nas aulas de Educação Física

1) Quais foram os motivos e interesses para diversificar os espaços nas aulas de Educação Física? De onde vem esse seu interesse para realizar as aulas de educação física em espaços externos à escola? Por que você faz a opção de utilizar esses espaços externos à escola para a realização das aulas de educação física?

2) Você poderia dizer agora como os antigos professores/as das instituições trabalhadas utilizavam os espaços externos? E, houve, também nesse período que você lecionou uma evolução na utilização desses espaços por esses professores e por você?

3) Você já foi encorajado a trabalhar com esses espaços por alguém? Você lembra e poderia citar quais foram os mais marcantes acontecimentos/fatos durante as aulas nesses espaços?

Momento 4 – As crianças/estudantes nesses espaços

1) Como você via as crianças quando utilizava estes espaços externos? Elas comportavam da mesma forma quando estavam no ambiente escolar?

2) Elas identificavam-se com o local historicamente? Como brincadeiras praticadas próximas a suas casas ou lembrando fatos já vividos?

Momento 5 – Contribuição para a legitimidade da Educação Física na escola

1) Quais as principais vantagens e desvantagens da utilização destes espaços?

2) Como você trabalha ou trabalhava com as crianças antes de utilizar estes espaços?

3) Você conhece pelo menos uma pessoa que trabalha utilizando esses tipos de espaços?



**APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E
ESCLARECIDO**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Campus Universitário – Trindade
Florianópolis - SC - Brasil
Coordenadoria do Curso de Licenciatura em Educação Física



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Temos o prazer de convidá-lo a participar da pesquisa intitulada **“O USO DE ESPAÇOS EXTERNOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ALÉM DOS ESPAÇOS TÍPICOS DA ESCOLA: um estudo na rede municipal de ensino de Florianópolis”**, sob a orientação do Prof^o. Dr. Francisco Emílio de Medeiros, e, cuja finalidade é analisar os usos dos espaços externos nas aulas de Educação Física na rede municipal de ensino de Florianópolis a partir do olhar dos professores.

Caso o/a senhor/a aceite participar, garantimos que a sua identidade será mantida sob sigilo, que o seu depoimento será confidencial e apenas utilizado para tornar a pesquisa pública na forma de relatório de pesquisa, em artigos de revistas científicas, em apresentação em eventos acadêmico-científicos, ou publicação na forma de livro. Também fica assegurado o respeito e atendimento à sua vontade de a qualquer momento poder retirar o seu consentimento de participação na pesquisa.

Eu, _____, fui esclarecido/a dos objetivos e da importância da pesquisa, **“O USO DE ESPAÇOS EXTERNOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ALÉM DOS ESPAÇOS TÍPICOS DA ESCOLA: um estudo na rede municipal de ensino de Florianópolis”** e concordo que minha entrevista seja utilizada, exclusivamente, para as finalidades acima colocadas.

Florianópolis, _____ de _____ de 2016

Assinatura do (a) Professor (a)

Assinatura do Pesquisador
Responsável

Assinatura do Pesquisador
Principal

Prof. Dr. Francisco Emílio de Medeiros
Pesquisador responsável – (48) 99618624
Email: francisco.m@ufsc.br

Licenciando Rafael Augusto Cunha
Pesquisador principal – (48) 96221949
Email: rafael_augustocunha@hotmail.com

APÊNDICE C- QUADROS DAS ENTREVISTAS

QUESTÕES DE PESQUISA	ENTREVISTA 1	ENTREVISTA 2	ENTREVISTA 3	NÚCLEOS DE SENTIDO
<p>Que motivos mobilizam professores/as de Educação Física para realizar as aulas em espaços externos à escola?</p>	<p>“O primeiro motivo seria a limitação do espaço livre na escola, como no caso da 2ª escola, uma pequena quadra com o espaço livre atrás, depois veio à construção do ginásio, e na instituição infantil com um pequeno espaço de parque para as seis turmas, falta espaço livre nas arquiteturas escolares e isso me motivou a procurar espaços externos. O outro motivo/interesse é de ocupar os espaços externos da escola. Já que as aulas de educação física é uma aula mais de brincadeiras e de movimentação, as crianças nos espaços onde as escolas são sempre escritas na comunidade, nos seus tempos livres têm os seus lugares para brincar, como praças, campos, praias, então o meu interesse é conhecer esses lugares e de sair da escola.”</p> <p>“Construção de um ginásio implicando no revezamento no uso desse espaço, entre os três professores de educação física da escola, que anteriormente podiam se dividir nesse grande terreno, sem precisar estar revezando do uso do espaço.”</p>	<p>“Então eu sempre me dispus assim: “deixa que eu vou para o gramado, deixa que eu vou”, porque lá eu já vejo outras possibilidades. Então era uma motivação assim, mas não estava no planejamento, mas daí tu chega ali e tem três professores ali, então deixa que eu vou, porque eu já consigo pensar em outras coisas. Então isso é uma coisa que me fez pensar nos espaços externos.”</p> <p>“Quando eu comecei a dar aula em escola eu não pensava exatamente nos espaços fora da escola. Eu pensava nos espaços da escola para além da quadra.”</p> <p>“Então eu acho que isso é importante, você dar oportunidade de coisas que as crianças nunca viram ou, por outro lado, coisas que as crianças tem no convívio delas em casa, então a gente tem crianças que tem árvore em casa... eu tinha alunos que tinham pato em casa, tartaruga. Mas, na escola parece que vai ficar só no concreto, então, quando você vai para esses espaços você também vê o que a criança já tem de bagagem de repertório motor assim.”</p>	<p>“Eu já vivia isso na minha experiência como professora no ensino fundamental, eu tinha muito esse interesse por explorar espaços da comunidade, pelo o quanto ele poderia potencializar as propostas de trabalho. Com outra professora eu aprendi um pouco mais para outras saídas a outros espaços que também sejam significativos para as crianças, no campo da sensibilização para o movimento, de forma geral, sento em relação a natureza, ou como o espaço super estruturado como um campo de futebol.”</p> <p>“Depois eu vim para a educação infantil, onde tive uma experiência em uma creche, onde comecei a trabalhar na creche, sendo que uma professora, dentro da proposta dela, era fazer passeios com a crianças fora da creche,”</p>	<p>Com a limitação dos espaços da escola os professores buscaram outros locais para suas aulas.</p> <p>A intencionalidade de buscar esses espaços externos nas aulas de Educação Física</p> <p>Ver que outros professores já utilizaram estes espaços externos serve como referência.</p> <p>Revezamento dos espaços da escola com outros professores.</p> <p>Buscar outros espaços que não a quadra.</p>
<p>Como se caracterizam os espaços externos que são utilizados?</p>	<p>“O tipo típico dessa região, é um gramado arenoso, uma areia escura, fina, a própria escola proporcionava isso, a parte construída da escola era mais próxima a rua de acesso, e os Fundos era uma espaço maior para brincadeiras, para jogos, as crianças no recreio utilizavam bastante toda essa dimensão do espaço”</p>	<p>“E o especial, acho que o espaço mais legal nesse aspecto era a areia da praia. Porque? Primeiro por ser areia, já um piso completamente diferente, a gente tirava o tênis, daí fazia as atividades descalço, eles se jogavam na areia mesmo, se sujavam mais. Nessa escola era legal porque tinha uma parceria com as professoras, com o</p>	<p>“ao lado da escola onde eu trabalhava onde já havia um bom espaço para dar aula de educação física onde existia um pasto, era de padres jesuítas, e não precisava de permissão para entrar no pasto, e eu fazia atividades com salto com varas, onde eu e as crianças que colhíamos os bambus, então fazer saltos que não fosse dentro do</p>	<p>O interesse é por espaços mais naturais, com pisos diferentes para que as crianças possam se experimentar, mas também espaços que a comunidade oferece.</p> <p>CONTINUA...</p>

QUESTÕES DE PESQUISA	ENTREVISTA 1	ENTREVISTA 2	ENTREVISTA 3	NÚCLEOS DE SENTIDO
<p>Como se caracterizam os espaços externos que são utilizados?</p>	<p>“as escolas deveriam ter esse tipo de espaço, as escolas deveriam ter muito mais espaço livre e espaço mais próximo do espaço natural, área com árvores, gramado, areia, para que as crianças pudessem brincar, pudessem se movimentar, do que espaço construído, espaços artificiais, espaços cimentados ou espaços com grama sintética, enfim, as escolas deveriam sim nos seus projetos arquitetônico só serem concebidas se tivessem mais espaços livres e espaços naturais do que espaço construído.”</p> <p>Locais utilizados:</p> <p>Praia, areia da praia, terreno aos fundo gramado, campo de futebol de areia, trilha e bosque.</p>	<p>diretor da escola.”</p> <p>Locais utilizados:</p> <p>Praia, clube, campo de futebol, praça, quadras, pista de caminhada, têm estrutura para o skate.</p>	<p>padrão, com colchões, e nesse lugar, eu acho que porque eles tinham criação de gado, onde tinha muitos morrinhos, e riacho, onde poderíamos saltar os riachos, e saltar os morrinhos com a vara de um para o outro, era uma pequena elevação.”</p> <p>“levava as crianças em uma igreja que ficava ao lado da creche, ou na universidade usar o campo, planetário, aula de capoeira participando de um projeto de extensão, levei as crianças para participar dessa roda, claro fui la conversei com o professor, a partir dali eu pensei na possibilidade da instituição para realizar experiências com as crianças de movimento, e a me preparar para isso, porque a ida para esses espaços sempre era conduzida por uma proposta, então se era no planetário, o que este espaço sugere, então levávamos matérias, cordas bolas, construíamos um papelão para escorregar em morros neste local, enfim pensávamos nas possibilidades que o espaços sugeria, e também deixávamos que as crianças criassem.”</p> <p>Locais utilizados:</p> <p>Pasto, Universidade, campo de grama, planetário, aula de capoeira, colher bambus, condomínio, gramados, parques, quadras, trilhas, estádio, base aérea, dunas, ao lado da igreja, planetário rodas de capoeira.</p>	<p>Sair do ambiente que é formado por um espaço construído de cimento.</p> <p>Conhecer locais ao redor da escola.</p> <p>Pensar nas possibilidades que o espaços externo sugere.</p> <p>CONTINUA...</p>

QUESTÕES DE PESQUISA	ENTREVISTA 1	ENTREVISTA 2	ENTREVISTA 3	NÚCLEOS DE SENTIDO
<p>Quais diferenças e relações há entre usar os espaços tradicionais das aulas de Educação Física na escola e usar os espaços externos à escola para estas aulas?</p>	<p>"Tinha diferenças sim, o espaço da escola de uma comunidade, embora não fosse um espaço oficial mas ele era caracterizado a partir do esporte normatizado, ele dava o sentido de o que fazer e quando podia usar o espaços externos essa possibilidade estava aberta, o espaço externo não está definido para o que você vai fazer, ele abre para várias possibilidades, até porque ele é um espaço onde pode acontecer muitas coisas em um determinado lugar."</p> <p>"No espaço de praia no verão é ocupado pelos banhistas, mas no inverno é ocupado mais pelos pescadores. Então lá durante o ano letivo na comunidade do Norte era possível de março à novembro encontrar mais pescadores do que banhistas, mais canoa de pesca."</p>	<p>"O espaço é tradicional da escola tem um perfil que é muito igual. Eles são sempre vinculados ao perfil esportivo da Educação Física. Então é a quadra poliesportiva por exemplo, com uma determinada marcação, tem a trave, tem as tabelas de basquete, tem o poste do vôlei, as vezes tem uma arquibancada. Ele tá vinculada a uma imagem de Educação Física que é tradicional. Claro que tem uma legitimidade que é essa imagem do esporte de rendimento."</p> <p>"Porque daí eu já levo eles para um espaço que já diz o que eles vão fazer. Então, as vezes, eu quero levar para um espaço que não tenha essa demarcação, que não tenha esse perfil. Quando eu levava lá para o gramado no clube, primeiro que era um espaço enorme que dava uma outra referência para eles. Não era uma quadra quadradinha e pequena como era a da escola. Então assim, eles tinham uma liberdade de correr, o que eu não podia dar para eles na quadra, na quadra eu não podia fazer uma atividade assim: "corram até cair". Eles iam se machucar."</p>	<p>"Olha em principio eu digo que sim, com certeza absoluta, há uma diferença muito grande, mas que não implica se é melhor ou pior, são diferentes, oferecem uma oportunidade diferentes para as crianças..."</p> <p>"há uma diferença muito grande, mas que não implica se é melhor ou pior, são diferentes, oferecem uma oportunidade diferentes para as crianças,"</p> <p>"O próprio fato de não trabalhar com aulas de 45 minutos, porque eu levo muito tempo para montar os espaços e desmontar, fui até questionada, eu não abro mão de trabalhar com períodos inteiros, isso foi fundamentado em muitos estudos, e experiências de nossos colegas na rede municipal, essas coisas são fundamentais, são princípios da experiência que agente realiza, eu e outros colegas."</p>	<p>Na escola são espaços mais centrados em regras, demarcados pelo esporte, já nos espaços externos existem várias possibilidades diferentes, sem demarcações.</p> <p>Contato com diferentes pessoas e culturas.</p> <p>Aulas em sequencia auxiliam em ambos os espaços.</p> <p>FIM.</p>